

OBESIDADE INFANTIL E PRÁTICAS DE *BULLYING*: QUESTÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Leonor Dias Paini¹
Ana Carolina Eugenio²
Ivone Pingoello³
Roberta Serra da Silva⁴
Sebastião Gazola⁵

PAINI, L. D.; EUGENIO, A. C.; PINGOELLO, I.; SILVA, R. S. da; GAZOLA, S. Obesidade infantil e práticas de *bullying*: questões para a formação docente. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umarama, v, 18, n. 2, p. 441-457, jul./dez. 2018.

RESUMO: O artigo expõe resultados de pesquisa quantitativa sobre a percepção de professores quanto a presença e interações sociais de alunos com obesidade. Os trabalhos aqui apresentados são parte integrante da pesquisa “A violência escolar e os seus múltiplos olhares: Proposta de intervenção na formação de professores do PARFOR da UEM” em que se inclui discussões sobre o tema *bullying*. Acreditamos ser, a obesidade, um fator desencadeador de problemas de ordem física e emocional, pois alunos que não se enquadram no padrão magro de beleza são alvos de *bullying*. Os participantes foram 78 alunos ingressantes em cursos de graduação PARFOR/UEM. Os dados revelaram que em todas as turmas dos 78 participantes havia alunos com obesidade e que esses sofriam preconceito e eram excluídos ou se autoexcluíam das interações sociais escolares. A partir dos dados levantados, podemos considerar que as crianças obesas, em sala de aula, sofrem preconceitos das crianças não obesas. Preconceito e exclusão são características das práticas de *bullying* e estão presentes em todas as escolas brasileiras. Essa é uma situação social que merece cuidado educacional, pois aprender a respeitar é parte integrante

DOI: 10.25110/educere.v18i2.2018.6698

¹Doutora em Educação. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação. Coordenadora do PARFOR/UEM. E-mail: leonorpaini@gmail.com.

²Psicopedagoga. Professora da rede pública da Educação Básica. E-mail: ace_carolina@hotmail.com

³Doutora em Educação. Professora PARFOR. E-mail: ivonepingoello@hotmail.com

⁴Psicóloga.

⁵Doutor em Agronomia. Professor do Departamento de Estatística da UEM.

da aprendizagem que se constrói na família e no ambiente escolar. Não há interação se não houver respeito às diferenças, não há aprendizagem se não houver interação, não há vida se não houver saúde física e afetiva. Obesidade e *bullying* são temas que devem pautar toda formação docente. **PALAVRAS-CHAVE:** Obesidade infantil; *Bullying*; Formação de Professores.

CHILDHOOD OBESITY AND BULLYING: QUESTIONS FOR TEACHER TRAINING

ABSTRACT: The article presents the quantitative results on the research on teachers' perception of the presence and social interactions of obese students. The works presented herein are an integral part of the research referred to as "School violence and its multiple perspectives: Proposed intervention in the training of teachers of UEM PARFOR" which includes discussions on the topic of bullying. The authors believe that obesity is a triggering factor for physical and emotional problems, since students who do not fit the skinny standard of beauty are victims of bullying. The participants were 78 students entering PARFOR/UEM undergraduate courses. The data revealed that in all the classrooms from the 78 participants there were students who were obese and that they suffered prejudice and were excluded or excluded themselves from school social interactions. From the data collected, it can be considered that obese children suffer prejudice from non-obese children in the classroom. Prejudice and exclusion are characteristics of bullying practices and can be observed in all Brazilian schools. This is a social situation that requires educational care, since learning to respect others is an integral part of the learning process built both at home with the family and in the school environment. No interaction can take place where there is no respect for differences, no learning can take place if there is no interaction, no life can thrive if there is no physical and affective health. Thus, obesity and bullying are topics that should guide all teacher training practices.

KEYWORDS: Childhood obesity; Bullying; Teacher training.

OBESIDAD INFANTIL Y PRÁCTICAS DE *BULLYING*: CUESTIONES PARA LA CAPACITACIÓN DOCENTE

RESUMEN: El artículo expone resultados de investigación cuantitativa sobre la percepción de profesores cuanto a la presencia e interacciones sociales de alumnos con obesidad. Los trabajos aquí presentados son parte integrante de la investigación “La violencia escolar y sus múltiples miradas: Propuesta de intervención en la capacitación de profesores del PARFOR de la UEM”, en que se incluye discusiones sobre el tema *bullying*. Creemos ser la obesidad un factor desencadenador de problemas de orden física y emocional, pues alumnos que no se encuadran en el estándar delgado de belleza son albos de *bullying*. Fueron 78 alumnos participantes, ingresantes en cursos de graduación PARFOR/UEM. Los datos revelaron que en todas las turmas de los 78 participantes había alumnos con obesidad y que esos sufrían prejuicios y eran excluidos o se autoexcluyeron de las interacciones escolares. A partir de los datos, podemos considerar que niños obesos, en aula, sufren prejuicios de niños no obesos. Prejuicio y exclusión son características de las prácticas de *bullying* y están presentes en todas las escuelas brasileñas. Esa es una situación social que merece cuidado educacional, pues aprender a respetar es parte integrante del aprendizaje, que se construye en la familia e en el ambiente escolar. No hay interacción si no hay respeto a las diferencias, no hay aprendizaje si no hay interacción, no hay vida si no hay salud física y afectiva. Obesidad y *bullying* son temas que deben pautar toda capacitación docente.

PALABRAS CLAVE: Obesidad infantil; *Bullying*; Capacitación de Profesores.

INTRODUÇÃO

Este artigo expõe resultados de pesquisas cuja problemática está relacionada ao aumento da incidência da obesidade infantil no Brasil e como isso vem sendo tratado no âmbito escolar, pois, além de a obesidade infantil ser um problema de saúde pública, essa tem sido também um fator desencadeador de problemas afetivos e emocionais por envolver a vitimização de práticas de *bullying*.

De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE (BRASIL, 2010), o excesso de peso infantil teve significativo aumento nos últimos 30 anos

e, para Azevedo (2016, p. 7) “já existem evidências suficientes de que o problema da obesidade está presente durante as fases do Ensino Fundamental e Médio, fato pouco comum a algumas décadas passadas.” A obesidade é um problema que afeta várias sociedades e está relacionada ao excesso de gordura em relação a massa magra que compõe o corpo humano. Ela afetou, em 2010, cerca de 42 milhões de crianças em todo o mundo e é considerada pela Organização Mundial da Saúde -OMS- um dos problemas mais graves do século XXI (BRASIL, 2010).

Dados estatísticos do IBGE (BRASIL, 2010) apontam que na população infantil entre 5-9 anos em 1974-1975 o excesso de peso era considerado moderado em meninos (10,9%) e meninas (8,6%). No ano de 1989 esses valores aumentaram para 15% nos meninos e 11,9% entre as meninas, alcançando a 34,8% e 32,0% em 2008-2009 para meninos e meninas, respectivamente. Sendo que a prevalência da obesidade para essa população acompanha a mesma evolução descrita para o excesso de peso, porém com frequências menores. Essa mesma tendência de aumento da incidência do excesso de peso é verificada na população na faixa etária entre 10-19 anos nestes últimos 34 anos, aumentando de 3,7% para 21,7% na população masculina e, de 7,6% para 19,4% na população feminina (BRASIL, 2010).

Há uma preocupação geral dos órgãos públicos e das áreas da saúde com relação a obesidade devido suas consequências de ordem física, social, emocional e educacional, tanto para a população infantil como para a adulta. A recorrência do tema e a preocupação com a obesidade na mídia, nos consultórios médicos e na população em geral é consideravelmente recente e está relacionado ao aumento de sua incidência. Além da população adulta, o público infantil também vem sendo alvo dessa doença e sendo crianças em idade escolar, enfrentam outro problema que está presente em todas as escolas brasileiras (FANTE, PEDRA, 2008): o *bullying*.

Uma das principais características do *bullying* é o uso de características peculiares de um indivíduo como forma de ridicularização e humilhação públicas como troféu de um jogo de agressividade, em que ninguém ganha. *Bullying* é o tema principal da pesquisa “A violência escolar e os seus múltiplos olhares: Proposta de intervenção na formação de professores do PARFOR da UEM” da qual a pesquisa aqui apresenta-

da é parte integrante. O interesse em juntar os estudos sobre obesidade e *bullying* se deve ao fato de que ambos são problemas que podem afetar a vida escolar do aluno, com consequências para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Sendo assim, o objetivo da pesquisa aqui apresentada é verificar a percepção dos professores do PARFOR/UEM¹ em relação as características das interações sociais dos alunos obesos em sala de aula. Para atender ao objetivo proposto, aplicamos um questionário fechado aos professores graduandos dos cursos PARFOR/UEM, os dados coletados estão expostos em tabelas com índices percentuais seguidos de nossas considerações.

O problema de pesquisa é orientado pela seguinte questão: as crianças obesas em sala de aula sofrem preconceitos das crianças não obesas? A resposta a essa questão dará respaldo à formação docente para o combate ao preconceito e discriminação, além de chamar a atenção para o fator obesidade que afeta a saúde física, social e afetiva das crianças brasileiras.

OBESIDADE INFANTIL

Obesidade é atualmente entendida como uma doença crônica, é definida como um armazenamento de gordura corporal, associado aos riscos para a saúde, pelas várias complicações metabólicas que podem surgir (BRASIL, 2006). Sua medição é realizada pelo cálculo do índice de massa corporal ($IMC = \text{peso}/\text{altura}^2$). Para os adultos a indicação da obesidade aparece quando o IMC é superior a 30, e o sobrepeso superior a 25. Já no público infantil, o IMC para obesidade e sobrepeso é diferenciado, sendo calculado um IMC para cada idade e sexo. Sobrepeso pode se tanto o aumento da gordura corporal como o aumento da massa muscular; obesidade significa ter quantidade de gordura em excesso no corpo (BRASIL, 2006; MASHIMA, 2007).

A obesidade é considerada uma doença multifatorial que envolve influências metabólicas, fisiológicas, comportamentais, ambientais, psicológicas e sociais (MACHADO, POLI, 2009). Os fatores podem ser

¹Plano Nacional de Formação de Professores - Programa de formação docente emergencial que atende o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior.

de ordem genética, uma vez que pais obesos apresentam mais chances de terem filhos obesos. Mashima (2007) aponta que, quando os dois genitores são obesos, há 80% de chance dos filhos serem obesos, em comparação quando apenas um dos pais apresenta obesidade a porcentagem cai para 50% e cai para 9% quando nenhum dos pais é obeso. Outros fatores apontados como influenciador da obesidade é o desmame precoce, a introdução inapropriada de alimentos, relação familiar inadequada, sedentarismo, mudança de hábitos, depressão, isolamento e autoimagem negativa, estes últimos aumentam a ansiedade e, com isso a ingestão de mais alimentos.

Os prováveis fatores do aumento da incidência da obesidade e excesso de peso aparecem em consonância com algumas mudanças comportamentais da população em relação à alimentação e padrões de atividades físicas. Um dos exemplos é o abandono do aleitamento materno e o aumento do consumo de alimentos e bebidas industrializadas. Com a modernização e a busca pela praticidade tem-se priorizado os refrigerantes, enlatados, congelados e *fast foods*, ao invés da preparação natural dos alimentos. Outra questão são as atividades físicas restritas ao ambiente limitado da moradia ou em áreas de lazer com poucas opções de atividades físicas. Influenciado pelas mudanças globais, o uso da tecnologia como forma de atividade de lazer, como os jogos de *video-games*, o uso dos computadores, celulares, entre outros, colaboram para o menor consumo de energia acompanhado de maior ingestão de calorias.

Segundo Chaim, Rocha e Toledo (2017), para minimizar esse problema, deve-se trabalhar a alfabetização alimentar que é estudado em várias áreas do conhecimento como: saúde, nutrição, educação e economia doméstica. A alfabetização alimentar é definida como uma série de conhecimentos, habilidades e comportamentos que, inter-relacionados, são necessários para planejar, gerir, selecionar, preparar e comer conforme a necessidade. Portanto, alimentar-se bem requer conhecimento e planejamento na formação de hábitos alimentares saudáveis.

Mashima (2007) esclarece que a obesidade pode ocasionar a comorbidade, como hipertensão, diabetes, prejuízos no sistema respiratório, depressão, comportamentos de esquiva social, baixa autoestima e desvalorização de si. A autora aponta que nas crianças, as principais e mais frequentes consequências da obesidade são relacionadas aos

problemas de ordem psicológica e não aos de ordem fisiológica, sendo essa primeira tão preocupante quanto a última. As crianças podem apresentar timidez excessiva, sentimento de incapacidade, tendência ao isolamento, baixa autoestima, depressão, entre outros. Esses prejuízos emocionais acabam afetando o desenvolvimento da criança como um todo, como sua convivência social, a interação social no ambiente escolar e por consequência o processo de aprendizagem.

A OBESIDADE E A VITIMIZAÇÃO DE BULLYING

A preocupação com o estudo da obesidade no âmbito escolar se deve, não apenas pelo cuidado com a saúde da criança, mas também com os prejuízos que podem ser desencadeados em relação ao desenvolvimento da aprendizagem escolar. Na concepção de Costa, Souza e Oliveira (2012), além dos problemas relacionados a saúde, o indivíduo que está acima do peso em uma sociedade que valoriza a aparência física, está suscetível a ser alvo de discriminação e preconceito. Fante e Pedra (2008) entendem o *bullying* como uma forma de violência que ocorre nos ambientes sociais, entre eles a escola. *Bullying* é violência repetitiva caracterizada pelo desnível de poder entre agressor e vítima.

A literatura alerta que existe uma direta relação entre o *bullying* e obesidade infantil, em que: “as crianças obesas são tidas pelos colegas como preguiçosas, sendo alvo de humilhações e rejeições, e na maioria dos casos os professores não estão aptos a lidar com esse problema.” (FELDMANN et al, 2009, p. 225). Segundo pesquisa de Camacho (2001) realizada em duas escolas da cidade de Vitória-ES, com alunos adolescentes para verificar a violência entre pares, constatou-se que as práticas de intolerância são concretizadas nas formas de discriminação social, racial, de gênero e aos que apresentam características diferenciadas, entre esses, as crianças ou adolescentes que estão acima do peso. Não se enquadrar no padrão ditado pela moda, pela estética também é motivo de discriminação, o culto à forma, a aparência física passa a ser essencial na formação da identidade do adolescente. Nesta fase, se enquadrar ou não no padrão de beleza pode significar ser aceito ou rejeitado, fazer parte de um grupo ou ficar isolado. Nas duas escolas pesquisadas por Camacho (2001) a rejeição aos que não apresentam características físicas consideradas bo-

nitás pela sociedade ficou evidenciada. A mídia é a principal condutora de mensagens que relacionam o corpo belo ao corpo magro. Para Buckingham (2007), o papel do professor é o de ajudar a criança a perceber que a mídia traz a imagem idealizada e não a real, e que o estereótipo de beleza muda no tempo histórico, de região para região, de cultura para cultura.

Os círculos de amizades, as relações de aproximação e exclusão ocorridas em sala de aula são vitais no desenvolvimento do aluno, é de fundamental importância que o professor intervenha quando percebe que movimentos excludentes estão ocorrendo em sala de aula. Mas, nem sempre estes movimentos são percebidos pelos professores, que atuam em várias escolas, atendem um grande contingente de alunos e estão voltados para a aplicação de conteúdo exigido pelo currículo, afetando sua própria interação com os alunos, por isso se faz necessário a formação adequada tanto na área da Didática quanto nas áreas que tratam das relações humanas e da afetividade.

As consequências da vitimização de *bullying* para a aprendizagem escolar ocorrem na medida em que há queda na concentração e dispersão em pensamentos de expectativas de um novo ataque, estratégias de defesa ou de vingança, seguido pelo desinteresse pelos estudos e queda no rendimento escolar, absentismo e evasão. A vítima tende a se isolar dos demais alunos ou por vergonha de si mesmo ou por medo de chamar a atenção dos seus agressores e comprometem, com esta atitude, a oportunidade de novos relacionamentos (FANTE, PEDRA, 2008).

Smith (2002) chama a atenção para a questão de causa e efeito, o aluno pode ficar deprimido por ser vítima de *bullying*, mas também, por já ser depressivo, pode estar mais suscetível aos ataques dos *bullies*. Para Costantini (2004), pode-se desenvolver problemas de transtornos como atitudes autodestrutivas, de isolamento, distúrbios alimentares e estados depressivos. Conforme esclarece Costantini (2004), é necessário dispensar atenção especial àqueles que não parecem ser problemáticos por serem contidos em sua agressividade, quando na verdade sua agressão pode estar se voltando para si próprio. Comer em exagero é uma agressão ao próprio corpo e pode ser consequência da ansiedade ou do medo dos praticantes de *bullying*.

Acreditamos que tais situações devem fazer parte da formação docente justamente por essa categoria profissional estar diretamente en-

volvida com o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças. Assim, nosso objetivo é expor dados que amparem as discussões das práticas educativas no âmbito dos cuidados com a saúde e com o processo de aprendizagem em ambientes seguros e livres de preconceitos e atitudes discriminatórias.

No contexto da formação de professores, o PARFOR tem como objetivo melhorar a qualidade da Educação Básica a partir da oferta de Educação Superior para professores que estão em exercício na rede pública de educação básica. Nesse âmbito, qualidade não se refere apenas a apreensão do conteúdo curricular, mas também questões de convivência, sociabilidade, cuidados pessoais e responsabilidades sociais. Com o objetivo de colaborar com o propósito de melhoria na qualidade da Educação Básica é que nos propomos a estudar a obesidade infantil e o *bullying* escolar a fim de fomentar discussões que resultem em ações de enfrentamento dos problemas obesidade e *bullying*.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho quantitativo com a aplicação de questionário com a finalidade de averiguar a percepção dos professores do PARFOR/UEM em relação as características das interações sociais dos alunos obesos em sala de aula. Os participantes foram 78 professores ingressantes nos cursos de Pedagogia, Música, Letras, Formação Pedagógica, Física, Filosofia e Artes Visuais oferecidos pelo PARFOR/UEM no ano letivo de 2016. O questionário foi entregue aos professores em sala de aula e solicitado que fossem devolvidos durante a semana. Ao final da semana, dos 146 questionários entregues, 78 foram devolvidos com as respostas.

Dos 78 questionários respondidos pelos professores, 50 são de professores da rede pública de ensino e 28 são da rede privada; 46 trabalham com a Educação Infantil e 32 lecionam nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A média de idade é de 36 anos e a média de exercício na profissão é de 11 anos. Considerando que cada professor leciona em uma turma e que as respostas dadas ao questionário serão relativas à turma para a qual leciona, serão, então, levantados os dados de 78 turmas a partir da visão que cada professor tem sobre a sua turma.

O questionário foi composto por questões fechadas e direcionadas

às seguintes temáticas: existência de alunos que se encaixem no quadro de obesidade infantil na sala de aula; relacionamentos entre os colegas de classe; posicionamento de crianças não obesas em relação a aluno com obesidade; participação nas atividades escolares; relacionamento com os professores e profissionais da escola e percepção dos pais de aluno obeso quanto às dificuldades de aprendizagem do filho.

Os resultados são apresentados em tabelas em análise percentual seguido de nossas considerações.

RESULTADOS

A primeira questão se refere a casos de obesidade nas salas em que os professores lecionam, segundo a visão dos professores. Os resultados são os seguintes:

Tabela 1: Índice de casos de obesidade infantil em sala de aula:

Resposta	Frequência	Percentual
Um	35	45
Dois ou três	31	40
Quatro ou mais	12	15
Total	78	100%

Conforme os resultados, 45% dos professores afirmaram haver pelo menos um caso de aluno com obesidade na turma que leciona; 40% declararam que há de dois a três alunos com obesidade e 15% responderam que, na turma que leciona, há quatro ou mais casos de alunos com obesidade. Conforme os professores, as turmas contêm entre 24-29 alunos no caso da Educação Infantil e 27-32 alunos no caso do Ensino Fundamental I.

Tabela 2: Comportamentos observados nos alunos obesos nas interações sociais

Resposta	Frequência	Percentual
Amistoso	25	32
Conflituoso	9	11.5

Preconceituoso	4	5.2
Cooperativo	4	5.2
Individualista	4	5.2
Agressivo	4	5.2
Tendência a se isolar	8	10.2
Timidez	18	23
Não respondeu	02	2.5
Total	78	100%

O fator mais preocupante nessa questão é o isolamento, 10.2% dos professores disseram que observam nos alunos com obesidade tendência a se isolar. Essa é uma das principais características do *bullying* e que afeta todas as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem, pois somos seres sociais e aprendemos e nos desenvolvemos nas relações com o outro. Estando isolado, o aluno fica mais vulnerável aos ataques dos *bullies* e sem a proteção do grupo de amigos.

As demais características apresentadas são comuns a todas as crianças obesas e não obesas, mas há de se observar em que condições a criança é amistosa, tímida ou cooperativa, se está dentro de condições normais de relacionamentos sociais ou se são comportamentos adotados para serem mais aceitas e acabam desempenhando o papel de “boazinhas”, fazendo tudo que lhes é solicitado com simpatia e bom humor, aparentando estarem sempre felizes, deixando suas vontades em último plano (MASHIMA, 2007).

Quanto à agressividade, Saito (2008) nos diz que algumas crianças, quando sentem a hostilidade do grupo, respondem com comportamento agressivo, o que aumenta a rejeição e exclusão. Ainda, segundo a autora, outras crianças se autoexcluem e se escondem na ideia de autossuficiência quando, na verdade, o sentimento real é de fragilidade e de extrema dependência afetiva. A autora acrescenta que humilhações recorrentes desencadeiam a reação violenta ou seu contrário, a passividade seguida de autoexclusão, num círculo de rejeição social, ansiedade, agressividade ou isolamento, sedentarismo e exagero alimentar. Sem intervenções e orientações, tais características acabam acompanhando-as ao longo de suas vidas, sendo que em adultos obesos também são obser-

vados esses pontos.

Tabela 3: Comportamentos das crianças não obesas em relação às crianças obesas

Resposta	Frequência	Percentual
Preconceituoso	21	27
Amigável	38	48.7
Acolhedor	3	3.8
Exclusão	11	14.1
Agressivo	4	5.2
Não respondeu	01	1.2
Total	78	100%

Conforme a percepção de 27% dos 78 professores participantes, os alunos não obesos agem de forma preconceituosa contra os alunos obesos e, 14.1% percebem a exclusão como o comportamento que prevalece entre crianças não obesas para crianças obesas.

Esse comportamento, o preconceito, é tipicamente adulto e imitado pela criança que constrói, a partir do observado, repertórios comportamentais preconceituosos e discriminatórios. A sociedade contemporânea cultua a beleza do corpo idealizado magro, há a intolerância ao corpo que foge ao padrão com forte tendência a exclusão. Por serem motivos de zombaria e serem vítimas de preconceitos, as crianças obesas acabam tendo a autoestima prejudicada, fator que dificulta o envolvimento em atividades coletivas escolares e discussões em sala de aula. Os dados apontados na tabela 4 corroboram essa visão quando 59% dos professores afirmam que observam pouca participação nas atividades escolares em relação aos alunos com obesidade.

Tabela 4: Participação dos alunos obesos em atividades escolares

Resposta	Frequência	Percentual
Bastante participativo	30	38.5
Pouco participativo	46	59
Nada participativo	2	2.5

Total	78	100%
-------	----	------

A não participação nas atividades escolares prejudica diretamente o processo de aprendizagem. O aluno que não participa deixa de fazer perguntas quando há dúvidas, não desenvolve a argumentação, retrai-se e deixa de adquirir novos conhecimentos a partir da partilha, do confronto de ideias, de sugestões, de opções de soluções de problemas. A tabela 5 mostra essas dificuldades, que foram percebidas pelos professores nos alunos com obesidade.

Tabela 5: Rendimento escolar dos alunos obesos

Resposta	Frequência	Percentual
Apresenta dificuldades na resolução de exercícios	8	10.2
Apresenta dificuldade de compreensão	7	9.0
Apresenta interesse, mas tem dificuldade	30	38.5
Apresenta dificuldade e não tem interesse	12	15.3
Participativo e com boa capacidade de compreensão	21	27
Total	78	100%

Em uma sala de aula, o desenvolvimento intelectual de uma criança está intimamente ligado ao desenvolvimento emocional, isto por que as emoções afetam o indivíduo como um todo. Uma criança que é hostilizada pelos colegas de classe, tem sua autoestima e autoconfiança prejudicadas, não terá motivação para ir a escola, participar das atividades em sala de aula, ou ainda apresentará dificuldades de aprendizagem por estarem em estado emocional ansioso e/ou depressivo.

Tabela 6: relacionamento dos alunos obesos com os professores ou outros profissionais da escola

Resposta	Frequência	Percentual
Comunicativo	38	49
Introspectivo	15	19

Não se relaciona	4	5.2
Afetuoso	19	24.3
Não respondeu	02	2.5
Total	78	100%

Os dados preocupantes na tabela 6 são os 19% de professores que afirmam ver seus alunos obesos sendo introspectivos e 5.2% disseram que observam que seus alunos obesos não se relacionam com os professores e com os demais profissionais da escola. Esse fator é preocupante, porque diminui as possibilidades de pedido de ajuda, de proteção e de segurança para o aluno que se autoexclui ou se isola. É também um dado que demonstra a falta de confiança que esses alunos têm na figura do adulto.

Tabela 7: Preocupação dos pais em relação à dificuldade do filho na escola

Resposta	Frequência	Percentual
Sim	40	51.3
Não	37	47.5
Não respondeu	01	1.2
Total	78	100%

Dos 78 professores que responderam ao questionário, 47.5% afirmam que não percebem a preocupação dos pais com seus filhos no que se refere ao processo de aprendizagem e, portanto, não percebem as dificuldades desse aluno. O ambiente familiar tem o papel de suporte para todas as emoções que a criança manifesta, é a família que irá promoverá educação emocional da criança, característica de quem é capaz de lidar com as adversidades que a vida impõe, incluindo práticas de *bullying*. O controle emocional é fator preponderante para evitar a vitimização de *bullying*, além de ser característica benéfica para evitar a obesidade quando essa é derivada de fatores emocionais mal resolvidos.

DISCUSSÕES FINAIS

Os dados revelaram que em todas as turmas dos 78 professores participantes, há alunos com obesidade e que esses sofrem preconceito, são excluídos ou se autoexcluem das interações sociais na sala de aula e nas relações com os professores e profissionais que trabalham na escola. Há a percepção, por parte dos professores, de que a maioria dos pais de crianças obesas não se preocupam com as dificuldades escolares de seus filhos.

O sucesso do tratamento da obesidade infantil deve basear-se, principalmente, na abordagem interdisciplinar, contando com o atendimento médico, nutricionista, psicólogo, educador físico, cuidados familiares e atenção escolar. Paralelo a essas afirmações, há as questões relativas ao *bullying* e, por esse motivo, expomos observações teóricas adjacentes aos problemas enfrentados pelas crianças obesas em sala de aula, que vão para além dos problemas físicos e incluem problemas de ordem afetiva, social e interativa prejudicadas pela vitimização do *bullying*.

A partir dos dados levantados, podemos considerar que sim, as crianças obesas em sala de aula sofrem preconceitos das crianças não obesas. Essa é uma situação social que merece cuidado educacional, pois aprender a respeitar é parte integrante da aprendizagem que se constrói na família e no ambiente escolar. Não há interação se não houver respeito às diferenças, não há aprendizagem se não houver interação, não há vida se não houver saúde física e afetiva.

As atenções não devem se restringirem aos cuidados com a saúde física, mas também os cuidados com a saúde psicológica. A criança obesa pode estar mais vulnerável a sofrer *bullying* ao mesmo tempo que, sendo vítima de *bullying*, alimentar-se exageradamente pode ser uma forma de compensar ou amenizar o sofrimento causado pelo *bullying*. Dessa forma, ambos os problemas merecem atenção especial a partir de ações conjuntas e interdisciplinares entre profissionais que têm como foco a melhoria da qualidade de vida das crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.** Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no

Brasil. 2010. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.abeso.org.br/uploads/downloads/70/553a23f27da68.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BRASIL. Obesidade. **Cadernos de Atenção Básica**, n. 12, série A, Normas e Manuais Técnicos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, 2006. Disponível em: <<http://atencaobasica.saude.rs.gov.br/upload/arquivos/201709/22120745-caderno-de-atencao-basica-12-obesidade.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100009&lng=in&nrm=iso&tlng=in>. Acesso em: 20 jan. 2018.

CHAIM, D. F.; ROCHA, R. R.; TOLEDO, G. L.. Bem-Estar alimentar de crianças e adolescentes: a importância dos pais na alfabetização alimentar. **XX SemeAD Seminários em Administração**. PPGA, FEA, USP. Novembro de 2017. Disponível em: <<http://login.semead.com.br/20semead/anais/arquivos/951.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

COSTA, M. A. P. da; SOUZA, M. A. de; OLIVEIRA, V. M.. Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. **Educ. Pesqui.**, vol.38, n.3, São Paulo, jul./set. 2012, p. 653-664. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/aop680.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

COSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?** : prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

FANTE, C.; PEDRA, J. A.. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FELDMANN, L. et al. Implicações psicossociais da obesidade infantil em escolares de 7 a 12 anos de uma cidade serrana do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. São Paulo, n.15, v.3, p. 225-233, 2009. Disponível em: <file:///D:/Downloads/151-606-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2017.

MACHADO, R. L.; POLI, M. C. A Criança e Seu Entorno: Pesquisando a Obesidade na Infância. **Revista de Psicologia da IMED**, vol.1, n.2, p. 169-179, 2009. Disponível em: <file:///D:/Downloads/26-97-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

MASHIMA, F. K. T. **Investigação das características psicodinâmicas de crianças obesas e de seus pais**. Dissertação (Mestrado em Ciências) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letra de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia da Educação, USP, 2007. Disponível em: <file:///D:/Downloads/MESTRADO_FERNANDA_KIMIE_TAVARES_MISHIMA.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SAITO, M. I. Obesidade. In SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V.; LEAL, M. M.. **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, 2008. p. 323-338.

SMITH, P. K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In. DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C.. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. p.187-202. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2018.

Recebido em: 26/03/2018

Aceito em: 16/08/2018